

Entre o Atraso e a Precocidade, Entre o Velho e o Novo Nem UNE nem Nova Entidade

*“Eu estava sobre uma colina
e vi o Velho
se aproximando,
mas ele vinha
como se fosse o Novo”*
Bertolt Brecht

O Coletivo **Outros Outubros Virão** é um campo de estudantes marxistas que atua em Curitiba e região.

As posições defendidas neste texto partem do pressuposto de que a UNE é irrecuperável enquanto entidade combativa da esquerda, indisputável, a não ser para o oportunismo, e representante de um ciclo de luta de toda a esquerda brasileira que acabou em decadência, como PT e CUT. Portanto, achamos desnecessário fundamentar aqui o rompimento com a UNE. Para isto ler o *“Enterrar a insepulta UNE: avançar na organização do movimento estudantil”*, texto complementar a este.

Partiremos diretamente para a polêmica sobre a nova entidade estudantil que está sendo proposta, e o Congresso Nacional de Estudantes (CNE) que está sendo convocado.

O Ser Social Petista

Antes de entrar no assunto da nova entidade, cabe dedicar algumas linhas para a caracterização do que chamamos de “ser social petista”.

As práticas da esquerda se refletem na consciência dos militantes e são reproduzidas de geração em geração pelos mais velhos e aprendidas pelos mais novos, que as internalizam, num ciclo intermitente. As práticas são geradas pelas necessidades e condições que dado momento histórico impõe ou proporciona. Assim, por exemplo, certa verticalização e disciplina militar são práticas impostas por um período de clandestinidade. Inevitavelmente, a história avança e as práticas ficam. As historicizadas transformam-se num tipo especial de ideologia, como se *militar* ou *esquerda* fosse sempre a mesma coisa.

O PT nos deixou de herança um conjunto de práticas que a esquerda ainda não conseguiu eliminar completamente, a saber, o hegemonismo, o personalismo, o aparelhamento partidário, o dispêndio de energias militantes para a criação de maiorias artificiais em congressos para ganhar votações, a tática eleitoral tornada objetivo final dos partidos, entre outras.

Se queremos romper com o ser social antigo e criar um novo, devemos romper

impiedosamente com as práticas antigas. Ao mesmo tempo, não sabemos e não podemos estabelecer de antemão como será o novo, de modo que as novas formas devem ser suficientemente elásticas em seu início, para se amoldar ao novo conteúdo ainda sendo gestado. Ou seja, “de nada adiantará a organização dos estudantes se tentarmos superar o velho através de acordos de vanguarda que ainda refletem o espírito anterior, burocratizados e artificiais devido à total estranheza da base estudantil”.^[7]

Assim, devemos perguntar: a forma como o Congresso de Estudantes está sendo convocado é minimamente elástica, neste sentido, ou, pelo contrário, é rígida e repleta de práticas hegemônicas?

Analisemos alguns documentos da ExNEEF e da ExNEL sobre esta questão, Executivas consideradas pontas de lança no processo de superação da UNE.

A Executiva de Educação Física, que discute a UNE desde a década de 1990, finalmente rompe no seu XXIX Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEEF - 2008). Nas resoluções, propõe participar de “espaços por fora da UNE”, incluindo aí o CNE, mas não entra na Comissão Organizadora do Congresso e avalia não ser o momento de construir uma nova entidade, conforme as resoluções desse mesmo ENEEF^[5]:

19) Que a ExNEEF rompa com a UNE e priorize a formação e reestruturação de sua base, além de manter sua atuação no FENEX e construir outras lutas do ME.

20) A ExNEEF entende a importância de uma nova entidade para o Movimento Estudantil Geral porém não avalia a conjuntura como favorável para construção de uma nova entidade.

21) A ExNEEF se propõe a participar e construir espaços por fora da UNE, de reorganização do ME combativo e de luta, inclusive um congresso nacional dos estudantes, levando em consideração as resoluções aprovadas neste ENEEF e as bandeiras históricas do MEEF.

No entanto, o nome da ExNEEF aparece num documento da Comissão Organizadora, causando grande polêmica na Executiva, dividida entre os que interpretavam que “construir” o CNE seria participar da Comissão (majoritariamente militantes do PSTU) e os que interpretavam que “construir” seria levar a discussão para a base e divulgar o Congresso, sem participar da organização. A segunda tese prevalece e a Comissão Organizadora do CNE é obrigada a não citar mais o nome da ExNEEF nos seus documentos.

Caso semelhante acontece com a Executiva de Letras. No XXIX Conselho Nacional de Entidades de Letras, 2009, aprova-se a “construção de uma nova entidade” e o Congresso Nacional de Estudantes para 2010, “após amplo debate sobre o assunto” em todos os CA’s e DA’s de Letras do Brasil.

Novamente, a Comissão ignora as resoluções e convoca o Congresso para 2009, gerando conflito na Executiva. Resultado: a ExNEL retira-se da Comissão Organizadora do CNE.

A isto tudo se soma o fato de o DCE da USP (hegemonizado pelo PSTU) ter apresentado na 3ª Reunião Nacional de Construção do CNE, realizada no Fórum Social Mundial de Belém, em 30 de janeiro de 2009, uma proposta de regimento do Congresso, discutida sem a base, já que era período de férias.

Retornemos à nossa pergunta: o Congresso que está sendo convocado está buscando superar os velhos vícios ou está repleto de práticas hegemônicas? A isto a Executiva de Letras responde^[6]:

Ele [o Congresso] se inicia antidemocraticamente, pois, ainda que tenha havido uma votação nessa reunião [na USP, aonde se deliberou sobre data e local para o congresso sem amplo debate com a base], ela não tem legitimidade para decidir algo que vai atingir (ou não) a todos os estudantes, mostrando claramente o distanciamento da base.

Está mais do que claro que é a juventude do PSTU, na forma dos DCE's, CA's, Grêmios e Executivas de Curso que tem maioria, que está convocando o Congresso Nacional de Estudantes, com a declarada finalidade de sair de lá com uma nova entidade – usando todo o arsenal de práticas do ser social petista para consegui-lo.

Ora, mesmo não havendo uma grande movimentação em torno do CNE, o PSTU corre para fundar uma nova entidade, ao invés de tentar *ao menos* aglutinar as organizações que já romperam com a UNE, levando em consideração o tempo de cada uma. De onde vem este estranho comportamento?

O Fundamento Teórico das Ações do PSTU

No *O Programa de Transição*, escrito por Leon Trotsky em 1936, consta que “as premissas objetivas da revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. (...) A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária”.

Ou como resume Nahuel Moreno^[9]:

Esta [a realidade] é repleta de desenvolvimentos desiguais e combinados de unidades contraditórias: entre a situação objetiva da classe operária e do povo trabalhador e sua consciência; entre a capacidade de luta e organização, por um lado, e as direções reconhecidas que não querem lutar nem organizar, por outro. Essas e outras contradições resumem-se em uma fundamental: condições objetivas mais que maduras para o socialismo, falta de uma direção revolucionária do movimento de massas.

As palavras de Trotsky, no contexto em que foram escritas, é uma avaliação adequada da conjuntura – crise econômica global, traição da socialdemocracia alemã, vitória do fascismo e o mundo às vésperas da segunda guerra inter-imperialista. Mas, como é bem conhecido por todos, após a barbárie, o capitalismo, ao invés de “apodrecer”, entrou no seu maior ciclo de crescimento, a que se seguiram outras crises e outros ciclos expansivos do capital, outros momentos de ascensão e descenso da classe operária, outras direções revolucionárias que lutaram e capitularam.

Mas algumas organizações, ao invés de lerem o Programa levando em conta o momento histórico no qual foi escrito, parecem pensar “se a situação estava assim em 1936, imagine hoje...” e o aplicam ao pé da letra para todas as situações, incorrendo em graves erros táticos e estratégicos.

Por que tanta pressa em fundar uma nova entidade nacional dos estudantes? Porque “o principal obstáculo na transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária é o caráter oportunista da direção do proletariado”^[10].

Ou seja, vivemos uma situação pré-revolucionária, e a única coisa impedindo a

“transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária” são os aparelhos burocratizados (UNE, CUT, etc.) nas mãos de direções traidoras (UJS/PCdoB, Articulação/PT, etc.). Aplicando esta fórmula, se substituirmos estes aparelhos por outros novos, com uma direção revolucionária (no caso, o partido trotskista-morenista do PSTU), como variáveis numa equação, resolveremos o problema crônico dos movimentos de massas e dos trabalhadores: a crise de direção.

Ora, que as direções são traidoras salta a vista, de modo que não há a menor dúvida. Mas esta é só a superfície do problema. E não cabe aos marxistas teorizar sobre a superfície dos problemas, mas sondá-los; tentar estabelecer, pela negação e por novas sínteses, os nexos reais entre o que salta aos olhos e as relações mais profundas que o determinam. Em outras palavras, compreender a realidade como síntese de múltiplas determinações.

A tese das direções traidoras tem uma boa função de agitação, mas não ajuda em nada os quadros comunistas a compreenderem a realidade e atuar corretamente sobre ela.

De Volta ao Materialismo

As movimentações das massas estudantis acompanham às vezes mais próximas, às vezes com características muito peculiares, a dinâmica da luta de classes na sociedade, em especial no país em que está inserido.

Os maiores partidos socialistas, hoje, ignoram o pilar central da teoria marxista, o materialismo histórico dialético, que define categoricamente que o que determina a consciência das massas, em última instância, são as condições objetivas de vida.

Não são as organizações que definirão a necessidade ou não de construir um novo instrumento para o movimento estudantil, mas o próprio movimento, quando sentir a debilidade e estreiteza da sua espontaneidade. O que não equivale a dizer que as organizações não devem tentar pautar o movimento sobre esta necessidade. Devem-no, cotidianamente. Mas “sabemos que, alienadas do movimento concreto, as entidades não passam de estruturas artificiais, burocratizadas, de forma que possam existir com fim em si mesmas” e “romper com a UNE para construir um instrumento de cúpulas deslocado da base, por mais que carregue discursos e intenções combativas, não passará de criar uma imagem espelhada da mesma”.^[7]

O que permitiu a burocratização da UNE? Quais as condições objetivas que propiciaram a hegemonia da UJS/PCdoB e o atrelamento ao governo? A grosso modo, a separação, alienação, descolamento e autonomização da entidade da sua base social, o movimento estudantil combativo; e a substituição, pela direção burocratizada, da antiga base social por uma nova, “artificial”, garimpada nas universidades privadas, conseguida através de acordões com reitorias, patrocínio estatal-privado e baseada na despolitização da juventude.

A partir da década de 90, o movimento estudantil de massa, que refundou a UNE em 1979, recua, deixando a direção isolada no aparelho. Ao se descolar do movimento que a gerou, a entidade empreende um esforço para que continue existindo, gerando uma necessária burocracia que permita sua perpetuação, enrijecendo sua estrutura baseada no movimento de gabinetes.^[7]

O “movimento estudantil de massa” sai de cena junto com a classe trabalhadora, na triste

conjuntura da década de 1990: queda do bloco socialista, neoliberalismo, novo ciclo expansivo do capital, derrota mundial da classe, além, inclusive, da traição das direções, cooptação, transformação dos instrumentos de luta em instrumentos de ordem, burocratização.

Vemos como é danoso existir uma entidade nacional sem uma pujança equivalente do movimento de massas, e que este só vem acompanhado de igual força da classe trabalhadora; vemos como um aparelho deste tamanho suga os melhores militantes, debilita o trabalho de base, e burocratiza independentemente da boa vontade e combatividade da direção. O contrário deste cenário é quando o movimento é massivo, e os militantes são tão numerosos que a entidade nacional não é um suplício, mas um facilitador, quando o papel da direção não é arrancar ao filistinismo¹ cotidiano o movimento, pela força das palavras de ordem, mas organizar o movimento realmente existente.

Há hoje no Brasil uma movimentação das “massas estudantis” suficientemente grande para justificar a criação de uma nova entidade?

Nosso critério de medição não pode ser a ascensão da esquerda às diretorias de alguns DCE's e Executivas de peso pelo Brasil – ou seja, pela quantidade de *apoiadores* e *votantes* com que conta o ME combativo no país – e sim pelo número de militantes *em movimento*, pela radicalidade das suas ações, seu peso na sociedade, o grau da sua consciência política e sua relação com a classe trabalhadora. Este último, nos parece, é um critério importante. Mesmo um movimento estudantil combativo e numeroso, num cenário de descenso da classe trabalhadora, teria encurtado, inevitavelmente, o alcance das suas pautas, sua área de atuação e sua longevidade. Pois, sem o reforço da classe revolucionária, o movimento não teria força material para enfrentar o capital, e sua política forçosamente se limitaria ao reformismo burguês, sua área de atuação à institucionalidade universitária e sua vida útil à velocidade com que o Estado conseguiria responder às suas limitadas reivindicações.

Depois de responder se no Brasil há movimento estudantil de massas, devemos perguntar o seguinte: a única coisa impedindo este movimento espontâneo e massivo dos estudantes de se elevar a um *movimento político* é uma organização nacional que supere a UNE – uma nova entidade estudantil? Esta massa estudantil radicalizada está sendo acompanhada por uma movimentação equivalente da classe trabalhadora?

Em todos os casos, a análise coerente da realidade brasileira atual parece apontar para a negativa.

Nossa Posição

Ainda que não passemos por um período de ebulição social, “de nada adianta as massas se movimentarem espontaneamente e de repente os comunistas saltarem à sua frente e tentar dirigir o processo.”^[8] Da mesma forma, embora não seja o momento propício para a fundação de uma nova entidade, não podemos esperar o dia em que o ME combativo sairá às ruas para, só aí, fundar um novo instrumento. Devemos ir preparando as condições subjetivas desde agora. Mas para isto, é preciso ter paciência histórica e flexibilidade tática, buscar unificar todos os setores da esquerda

¹ Para Lênin, filisteu é um economicista, “avesso a questões políticas maiores, adepto de propostas práticas passíveis de ser contabilizadas em melhorias para sua vida privada imediata”.

que já romperam com a UNE, mantendo o diálogo com os que ainda não o fizeram, e pautar a discussão na base visando uma construção a prazos maiores.

Somos favoráveis a que o Congresso Nacional de Estudantes discuta a reorganização do movimento estudantil. Mas, diante da clara intenção da juventude do PSTU, força majoritária neste processo, de fundar uma nova entidade estudantil neste Congresso – no momento de fragmentação subjetiva e descenso do movimento que vivemos, e para este fim usar todos os instrumentos burocráticos de que dispõe, tanto na organização do Congresso quanto na sua convocação (tendência que deve se repetir no próprio Congresso), inclusive passando por cima de tradicionais aliados, como a ExNEL – diante disto, decidimos não enviar delegados para o Congresso Nacional de Estudantes, e participar apenas como observadores.

Parada do Velho Novo

Bertolt Brecht

“Eu estava sobre uma colina e vi o Velho se aproximando, mas ele vinha como se fosse o Novo. Ele se arrastava em novas muletas, que ninguém antes havia visto, e exalava novos odores de putrefação, que ninguém antes havia cheirado. A pedra passou rolando como a mais nova invenção, e os gritos dos gorilas batendo no peito deveriam ser as novas composições. Em todas as partes viam-se túmulos abertos vazios, enquanto o Novo movia-se em direção à capital. E em torno estavam aqueles que instilavam horror e gritavam: Aí vem o Novo, tudo é novo, saúdem o Novo, sejam novos como nós! E quem escutava, ouvia apenas os seus gritos, mas quem olhava, via tais que não gritavam. Assim marchou o Velho, travestido de Novo, mas em cortejo triunfal levava consigo o Novo e o exibia como Velho. O Novo ia preso em ferros e coberto de trapos; estes permitiam ver o vigor de seus membros. E o cortejo movia-se na noite, mas o que viram como a luz da aurora era a luz de fogos no céu. E o grito: Aí vem o Novo, tudo é novo, saúdem o Novo, sejam novos como nós! seria ainda audível, não tivesse o trovão das armas sobrepujado tudo.”

Referências

1. BRECHT, Bertolt. *Parada do Velho Novo*. Poemas 1913 – 1956.
2. COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES. *Proposta inicial de regimento do Congresso Nacional de Estudantes aprovada na 3ª reunião nacional de construção do Congresso Nacional*. Belém, 2009.
3. COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES. *Informativo No. 5*. Belém, 2009.
4. DCE-UFPR, Gestão Sonhos Não Envelhecem. *Conjuntura Política do Movimento Estudantil*. Curitiba, 2008
5. EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *A Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física não reconhece a UNE e constrói o Congresso Nacional de Estudantes*. 2008.
6. EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE LETRAS. *Nota de 15 de fevereiro*. Florianópolis, 2009.
7. GRUPO DE ESTUDANTES - UFPR. Tese elaborada para o Congresso de Estudantes - UFPR. *Enterrar a Insepulta UNE: Avançar na Organização do Movimento Estudantil*. Curitiba, 2008.
8. JUVENTUDE LS-PR. *Importância do Movimento Estudantil para os Comunistas*. Curitiba, 2008.
9. MORENO, Nahuel. *Lógica Marxista*. Editora Sundermann. São Paulo: 2007.
10. TROTSKY, Leon. *O Programa de Transição*.